

EXPERIÊNCIAS DA ORIENTAÇÃO ONLINE: NARRATIVAS DE DUAS MESTRANDAS

Bruna Garcia da Cruz Canellas¹
Suziane de Oliveira dos Santos Gonçalves²

RESUMO

Esta pesquisa busca avaliar as orientações de mestrado e doutorado realizadas remotamente em meio a pandemia do COVID-19, apontando vantagens e desvantagens a partir de um olhar imbricado de duas mestrandas que vivenciam esse processo. Essa reflexão está baseada em uma pesquisa qualitativa e utilizamos como metodologia a autoetnografia, o que nos permitirá utilizar a primeira pessoa seja no singular ou no plural. A autoetnografia de acordo com Miranda e Bortoletto (2018) permite ao pesquisador ser sujeito e objeto de forma ativa em sua pesquisa. A relevância da nossa pesquisa está em podermos avaliar comparar os processos de orientação encontrando formas de produção que nos aproxime e conduza ainda que fisicamente distantes. Para isso, tomamos como principais referências Larrosa (2002), Diniz (2013) e Valentim (2016).

Palavras-chave: orientação remota, subjetividade, autoetnografia, mestrado

INTRODUÇÃO

O País contabiliza mais de 520 mil óbitos e 18.792.076 casos, segundo balanço do consórcio de veículos de imprensa com dados das secretarias de Saúde.

Suspensas desde março de 2020 por conta da pandemia da COVID-19, as aulas presenciais das redes públicas de ensino permaneceram em regime remoto na maioria dos estados brasileiros até maio de 2021. Atualmente, os estados brasileiros estão divididos no que se refere às aulas presenciais ou híbridas. Os estados das regiões Sul e Sudeste, de forma gradual e escalonada, já retomaram ou estão retomando as aulas presenciais no modelo híbrido. Contudo, os estados das regiões Centro-Oeste e Norte ainda não retornaram às aulas. Ainda que parcialmente, em junho de 2021, todos os estados iniciaram a vacinação dos profissionais da educação.

Na universidade em que cursamos o mestrado, que se localiza na região Sudeste do país, as aulas não retornaram até o momento, continuando a oferecer as disciplinas de

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, bgcc.canellas@gmail.com;

² Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, suziane.goncalves@gmail.com.

maneira remota, assim como atividades complementares (orientação, estágio docente, etc.).

Posto isso, o objetivo deste trabalho é apontar as vantagens e desvantagens da orientação de mestrado realizada de maneira remota por conta da pandemia do COVID-19 a partir do olhar imbricado de nós duas, mestrandas de diferentes experiências e que habitam diferentes etapas do curso.

SUBJETIVIDADE

De acordo com Sartre (1987, p. 6), subjetividade é “construir o sentido profundo do existencialismo”. Podemos tentar compreendê-la através da existência e experiência do ser do mundo (REGINALDO & PEREIRA, 2015). A partir de uma experiência somos atravessados por histórias, memórias, sentimentos. Como cada um de nós assimila o que nos perpassa é isso que nos diferencia. Para Sartre (2013 *apud* REGINALDO & PEREIRA, 2015, p. 5) o sujeito é a sua história e está se faz dentro do mundo, dentro de uma época”.

Como falamos anteriormente, ansiedades, medos, entre outros sentimentos, vieram e continuam vindo porque a pandemia ainda não acabou. Então, a partir disso, como estamos nos vendo diante desse cenário? A partir de determinadas experiências, quais reflexões nos arrebataram?

Como cada uma de nós está vivenciando a pandemia

A pandemia ainda que impacte em nossa saúde emocional não imobilizou-nos. Achávamos que em 2021 a Covid-19 já estaria controlada no Brasil, tínhamos essa esperança de estarmos vacinadas, mas não foi o que aconteceu. A vacinação ocorre em um processo lento, mas tomamos a primeira dose.

Eu, Suziane, estou num sítio, isolada, e vivenciei momentos aflitivos com a iminência de perder minha única irmã para esse vírus. Por sorte ela resistiu bravamente e sobreviveu. Cada dia mais pessoas morrem e se contaminam. Existe um movimento assustador de não usar máscara e de aglomerar. Isso dificulta muito a contenção do vírus. Alguns por já terem tomado uma dose da vacina se sentem aptos a voltarem a sua “vida normal”, atitude contrária a toda orientação científica. Ainda estamos com medo e espantados como algo invisível além de matar, escancarou o egoísmo e a maldade das pessoas.

Eu, que já havia me qualificado no formato remoto, também fiz minha defesa desta forma. Na verdade, essa condição que se impôs me possibilitou ter em minha banca autores fundamentais para minha pesquisa, que residem em outro estado. Não sendo possível uma banca como foi a online, em uma defesa presencial por conta dos recursos financeiros.

Bruna: Eu tive covid em novembro de 2020, fiquei internada por conta de sequelas e ainda estou sofrendo com elas até hoje. Em março de 2021, descobri uma trombose por conta da covid, o que me levou a uma nova reorganização da minha vida. Esse vírus me fez reconhecer frágil, com limites palpáveis. E por conta da pandemia, os semestres do mestrado ficaram ainda mais apertados. Então, com tudo isso, ainda tive que fazer as disciplinas, seus trabalhos e produzir um documento para a qualificação do mestrado. Esse processo foi bastante difícil. Ao mesmo tempo que sentia essa pressão de acelerar para dar conta de todos os afazeres, meu corpo indicava uma pausa.

Se antes, o estresse já era meu conhecido, agora ele é um companheiro. Ele me acompanha no meu acordar, quando vejo notícias sobre esse (des)governo, quando falo com os colegas, quando vou dormir. Ele e a ansiedade foram meus fiéis companheiros na qualificação de mestrado, me fazendo ter um mês de insônia. Porém, no dia da apresentação vi o quanto eles me preocupam sem motivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Larrosa (2002, p. 21) afirma que a experiência é aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. O autor observa o fato de muitas coisas acontecerem, e no entanto, grande parte delas não significar nada, momentos não são experimentados e não são experienciados. Algumas inquietações e reflexões geram experiências importantes em nossa vida e o processo de orientação para uma mestranda pode ser muito gratificante e motivador, como pode levá-la a desmotivação e a evasão do curso. A nossa pretensão com essa produção é compartilhar nossa experiência em tempos tão difíceis e estimular encontros proveitosos em todos os sentidos. Assim como demonstrar como um processo de orientação pode ser uma experiência antes de tudo prazerosa, ainda que de forma remota.

Conhecimentos – científicos ou não – constituem uma parcela dentre as muitas construções que são realizadas em uma universidade, admite Valentim (2016). E nesse

processo muitas vezes solitário da escrita, precisamos de alguém com mais experiência para trocar ideias e sugerir caminhos. O encontro com o orientador só deve ser feito quando já tivermos um encontro honesto com nós mesmos e temos o entendimento que essa relação é profissional com impactos pessoais dependendo do que se fala e de como gerimos esse relação. Porque são pessoas diferentes com maneiras diferentes de pensar, mas com o mesmo objetivo: uma produção de qualidade em um tempo determinado.

Em um cenário tão avassalador como é o de uma pandemia foi necessário nos reinventarmos, pois tudo mudou, as relações mudaram. Percebemos como não aproveitamos antes as tecnologias a tanto tempo disponíveis. Fomos “obrigadas” a aprender para dar conta de tudo. E como aprender? Na prática. Tivemos que aprender fazendo. E essa sensação de que sempre estamos um passo atrás também gera ansiedade. Diante da realidade que se impôs fica difícil mantermos o foco e escrevermos. Um misto de sentimentos como ansiedade, medos, inseguranças e o compromisso. Temos as datas para entregar nossos projetos, assim como as produções acadêmicas, necessárias para nós que somos bolsistas. Datas de congressos online, palestras e muitas, muitas reuniões. Estávamos, e ainda estamos, assistindo tantas pessoas passando necessidades materiais enormes, além das milhares de pessoas mortas e outras milhares infectadas, hospitais lotados e sem estruturas, e governantes sem nenhuma empatia com as dores da sociedade. E aí? Como escrever? Como qualificar e defender uma dissertação em meio ao caos? O que fazer? Como buscar esse foco e essa força que nos impulsiona para realizar? Tínhamos a certeza do privilégio de podermos trabalhar em casa e criamos uma rede de apoio com nosso grupo de orientação e muito mais ainda entre nós duas.

É nesse jogo entre reconhecimento e silenciamento do grilo do tremor que o prazer me acompanha enquanto pesquiso e escrevo. As ideias entram em ebulição e o resultado é um certo tremor nas mãos enquanto digito. Ao me desnudar pelo que escrevo, como acontece agora, um novo ciclo de exposição pública se inicia (DINIZ, 2013, p.38).

Me senti muitas vezes como aqueles participantes de reality show que, por estarem confinados, possuem um olhar de intensidade para tudo. E foi bem assim o que aconteceu. As críticas são muito levadas a sério e tomam uma dimensão que na vida normal não teria. Nós duas criamos uma relação de apoio e acolhimento que foi potencializada a ponto de quase todos os dias nos falarmos. Rimos juntas, choramos juntas, consolamos uma à outra nos desafios que se apresentaram, e o mais importante percebemos que nossa relação de cumplicidade profissional e pessoal é o que nos ajuda a crescer a cada dia.

Ao voltarmos aos encontros por meio de aplicativos de reuniões, conseguimos não só um encontro a dois, mas foi possível reunir e conhecer as demais orientandas, podendo trocar experiências e ouvir dicas que eram direcionadas para as outras e que nos ajudava muito também. A condução de uma reunião de orientação online se difere muito da presencial. Todo processo precisa de dedicação, autonomia e uma vontade de encarar nossas limitações, sejam elas tecnológicas ou emocionais. E a cada dia vamos nos tornando mais experientes.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em fazer uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixarmos abordar em nós próprios pelo que nos interpela entrando e nos submetendo a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro, ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p.143 *apud* LARROSA, 2002, p.25).

O papel do orientador foi fundamental, pois essa estratégia de nos colocar em contato e de nos tratar como iguais nos aproximou e nos deu liberdade para expor nossas fragilidades. Tornar público algo do seu íntimo não é uma tarefa fácil, também é um aprendizado.

E como não nos transformarmos? O coronavírus ainda circula fortemente em todo país e o medo se faz sempre presente. Um vírus difícil de entender e pelo que parece não nos deixará tão cedo, mas precisamos entender as relações construídas e os aprendizados adquiridos para avançarmos em nossos projetos.

Essa nossa experiência com a orientação remota faz com que consigamos atuar de forma mais assertiva. Não existe voltar aos processos antigos da mesma forma. Utilizar a tecnologia, ainda que possamos nos encontrar presencialmente, facilita o processo e nos possibilita uma resposta mais rápida.

A reunião de orientação que eu tinha antes era muito boa e nada vai substituir o cafezinho após a conversa, o sorriso do encontro e as trocas sobre processos outros para além da dissertação. Eu, Suziane, tive um ano de encontros presenciais e terei um ano de encontros remotos. Tive a sorte de ter podido concluir minha fase de aulas obrigatórias e eletivas de forma presencial, digo a sorte porque na fase em que me encontro, os encontros online são muito eficientes. Antes eu já enviava o que eu escrevia por e-mail e meu orientador prontamente lia, corrigia e devolvia. Os encontros presenciais eram para discutir algo que não era bem entendido ou alguma ideia nova. Então, hoje, continuo

enviando meu texto por e-mail, meu orientador continua corrigindo e comentando e temos reuniões quinzenais para conversar melhor. E ainda uso o Whatsapp para dúvidas que surjam após a reunião durante o processo de escrita do texto. Claro que fico mais à vontade com uma reunião presencial individual, mas isso porque tenho uma relação de muita parceria com o meu orientador e tenho prazer em sua companhia. No entanto, acredito que a qualidade do trabalho continua a mesma.

O que faz a diferença na qualidade do meu processo de orientação é o meu planejamento. É preciso conhecer nossos limites de produção. Escrever durante uma pandemia exige de nós uma determinação maior que em tempos normais porque estamos numa roda gigante emocional constante, e tem dias que, ainda que tenhamos uma meta definida de escrita, ela não flui. No entanto, de posse do planejamento podemos aproveitar e ler algo que nos ajude a criar, ou assistir algo que nos estimulem intelectualmente ou simplesmente entender que aquele dia não iremos produzir e compensá-lo em um outro dia que nos sentimos melhores. Diniz (2013, p. 45) deixa claro a necessidade de organização das tarefas de pesquisa e vai além, ela diz que “a consciência do mínimo exige um exercício permanente de superação”.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a produção de dados desta pesquisa foi a autoetnografia. A autoetnografia é um texto composto por uma ou mais vozes dos sujeitos que “representa a experiência pessoal no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais, de forma que o método procura revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando, assim, aspectos da vida cultural que não podem ser acessados na pesquisa convencional” (MOTTA & DE BARROS, 2013, p. 1340).

Podemos caracterizar a especificidade do método autoetnográfico no reconhecimento e a inclusão da “experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.)” (SANTOS, 2017, p. 219).

Acreditamos, assim como Holman-Jones (2005) que

A autoetnografia é um gênero turvo... uma resposta à chamada... é a criação de uma cena, a contação de uma história, tecendo ligações intrincadas entre vida e arte... fazendo um texto presente... recusando categorizações... acreditando que as palavras importam e escrevendo para o momento em que o ponto de criar textos autoetnográficos seja para mudar o mundo (HOLMAN-JONES, 2005, p.765).

Escolhemos esta metodologia e estilo de escrita, pois acreditamos no potencial transformador das trocas de vivências, propondo novos olhares e reflexões a partir do que experienciamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Valente e Almeida (2020, p. 156)

competências socioemocionais são referentes às capacidades e atitudes demonstrativas do “saber estar” e do “saber gerir” emoções no sentido de alcançar objetivos, demonstrar empatia, manter relações sociais positivas e tomar decisões de maneira responsável, entre outras.

Refletir sobre as nossas experiências amplia em nós a capacidade de tomar decisões que nos auxilie tanto no âmbito técnico quanto emocional.

Vivências da orientação online

Continuamos tendo os nossos encontros remotos e assim eu, Suziane defendi e a Bruna qualificou. Nesses encontros, duas novas mestrandas entraram no grupo, visto que a minha saída estava certa. Ainda realizando os ajustes necessários após defender, senti uma certa urgência do orientador para minha entrega bem antes do prazo que a universidade me permitia. O prazo que eu tinha era de 60 dias e ele me cobrou pequenas modificações, mas gostaria da entrega em uma semana. Uma semana? Com paciência expliquei que não poderia realizar essa entrega de forma aligeirada, era preciso rever pontos importantes e enviar para uma revisão ortográfica, muito necessária para publicação final. Fui convincente e não restou alternativa senão aceitar. A essa altura o nervosismo da defesa tinha passado, mas, a ansiedade para entrega não. E precisaria de mais uma reunião para que eu desse conta de resolver as pendências.

A entrada dessas novas mestrandas significou para mim, Bruna, uma mudança de perspectiva. Agora já tendo passado pelas disciplinas e a qualificação, estou no patamar em que conheci a Suzi, com experiência para trocar com as meninas. Me dispus

brevemente a ajudá-las caso necessitem, pois entendo que realizar o mestrado de forma remota pode trazer algumas frustrações, como eu mesma tive. Em uma das reuniões conversamos exatamente sobre essas sensações, das expectativas em relação às disciplinas e aos colegas, e o quanto o remoto me trouxe uma dimensão distante destes fatores. Não há conversa nos corredores, almoços no bandeirão, cafezinhos. Talvez até o final do mestrado delas, a situação pandêmica possa mudar e as aulas retornem. Mas eu não poderei experienciar esse tipo de encontro, mas os encontros e trocas que tive foram os possíveis nesta condição tão caótica.

Encerrando um ciclo

E depois? Como encerrar o ciclo? Saio do grupo, espero que eu seja retirada? Muitas dúvidas. Não existe um protocolo de como sair do seu grupo de orientação. Então, como estratégia sinalizei a minha gratidão ao grupo e fotografei para marcar o último encontro de orientação. Talvez intimamente eu precisasse de um marco final do processo. Fui surpreendida quando meu orientador em tom de brincadeira disse que eu estava decidindo em deixar o grupo. Não era bem isso, mas também de certa forma era. Eu comparo essa situação pouco discutida como um fim de casamento em que ambos se gostam, mas sabem que chegou o fim. Ninguém quer tomar a iniciativa de sair. Me senti provocada a tomar a iniciativa. Contudo, dentro de mim sabia que para minha pesquisa e para minha vida acadêmica seria importante ouvir as dicas e as trocas que ocorrem nesses encontros. Então, falei que sempre que convidada fosse estaria ali. E foi o que aconteceu. Ainda frequento os encontros, ouço aprendo e dou dicas, uma nova fase, mas muito produtiva para me manter em movimento intelectualmente falando.

Abandono no processo de orientação

Em um dos nossos encontros esse tema foi abordado. O orientador por não receber material escrito das colegas colocou em pauta a questão do abandono.

Muitos estudantes descrevem situações de ausência de seus orientadores, além de declarações de colegas, esses relatos estão em redes sociais, em textos, enfim, são bastante frequentes. No nosso caso, as orientações são quinzenais em grupo e individuais de acordo com a solicitação de cada uma. Digo uma porque somos todas mulheres no grupo. Entretanto, o abandono citado pelo professor é o do orientador. Nessa mesma semana tínhamos visto uma postagem sobre o tema. Nós nunca iríamos refletir sobre isso se nosso

orientador não falasse da ausência de textos como abandono. Muito forte a forma que ele colocou. Mas, achamos bastante realista a situação da cobrança. O processo de orientação só pode ocorrer se houver texto para orientar. Sem isso essa relação não sobrevive. E ele deixou claro a horizontalidade da relação e também a questão profissional que se impunha. Além do aviso oral comunicou que enviaria um e-mail para registrar a ausência dos textos. Talvez essa atitude venha da vontade de motivar a produção e do receio de não cumprimento dos prazos.

Ao receber o e-mail a primeira sensação foi de que não foi tão ruim quanto ele falou que seria. A sua fala na reunião foi muito pior. Mas ao lembrar de suas palavras na reunião, percebi o quanto me sentia culpada, envergonhada, pois percebi que realmente o abandonei. Ele e a dissertação.

Tentar olhar para ela depois da qualificação me gerava dúvidas, se era isso mesmo que eu gostaria de continuar escrevendo; angústias por ter que entrar em contato com a professora novamente; ansiedade por ter que conversar com outras pessoas (os professores) que eu não conheço. Junto com todas essas sensações vinha uma sensação de esvaziamento. Senti que me doeje tanto na escrita/apresentação da qualificação que parecia que eu não tinha mais vontade em mim. Ao mesmo tempo, vinha mais ansiedade de terminar os trabalhos das disciplinas, que apesar de não demandarem muito, me exigia uma criatividade que parecia que eu tinha perdido. Perdi a criatividade e o tesão no mestrado.

E como a gente procede depois disso? Como se manter em movimento se eu não tinha energia para isso? E isso infelizmente recaiu também no orientador. Esqueci que, apesar de parecer, não faço o mestrado sozinha. Tenho ele ao meu lado. Acho que este é um fato que preciso exercitar, reconhecer mais. Eu podia sim, ter escrito essas inquietações antes, mas acho que ainda têm uma vergonha de me mostrar mais frágil e falha, com medo de que seja um impeditivo no mestrado. Não estamos acostumadas a demonstrar “fraqueza” em nenhum espaço, ainda mais no acadêmico.

Logo após a reunião, me deparei com uma frase: “Eu tive que te deixar desconfortável, caso contrário você nunca teria se movido”. Acho que não tinha melhor momento para vê-la. Então, o que pude fazer foi agradecê-lo por essa chacoalhada que,

apesar de desconfortável, foi extremamente necessária para me movimentar, e me comprometer novamente com ele e a pesquisa. Sendo assim, acabei estipulando prazos, onde em toda segunda envio uma ou algumas páginas para manter esse compromisso e continuar em movimento.

Essa situação foi importante para percebermos que essa 'autossabotagem' vem de forma inconsciente e que parece uma etapa muito comum nesse processo. Nós duas passamos por ela e todas as colegas da reunião também. Entretanto, mais importante do que lamentarmos a estagnação é reconhecer e contar com alguém que nos impulse a reagir. E o papel do orientador é fundamental para despertar a urgência e a importância dos prazos. Claro que a forma da cobrança pode gerar motivação, mas também pode aumentar a ansiedade e criar uma prostração maior ainda, inviabilizando a escrita.

Como construir uma relação de confiança?

O que eu percebi com esse episódio é que não possuo uma inteira confiança no meu orientador. Entendo a gravidade desta sentença. Isso se deve a algumas experiências que tive no passado e que me fazem acreditar que toda relação orientador(a)/orientanda vai ser igual. Passei por momentos de abuso de poder, humilhação, onde depois de compartilhar minhas angústias, fraquezas, por eu fazer algo inesperado, como tomar outro rumo da minha vida acadêmica, tudo o que compartilhei foi despejado de volta em mim. Minhas angústias/dificuldades não foram acolhidas, afinal, elas foram usadas para me rebaixar como pessoa, pesquisadora e profissional. Então, como construir novamente esta confiança em uma figura de autoridade como o orientador? É confiar apesar do medo? Confiar com o medo?

O fato de estarmos abertas ao diálogo e às trocas em uma reunião ou relação de orientação nos possibilitou um aprendizado mais fluido e prazeroso. Em consonância com o dito por Freire, o acolhimento e comprometimento nas relações, incluindo a orientação, torna esse processo mais prazeroso e eficiente.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Portanto, estarmos atentas às colocações das colegas e do(a) orientador(a), nos permitindo sermos vistas e avaliadas, ou seja, estarmos no exercício de nos relacionar, é uma questão que pode gerar inseguranças tanto para alguém que está iniciando ou que já iniciou sua trajetória no mestrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos reorganizamos e reinventamos nos âmbitos pessoal, profissional e emocional a partir das experiências que tivemos durante a pandemia do COVID-19. Neste quesito, para nós pós-graduandas, o ensino remoto nos trouxe novos olhares sobre os já conhecidos desafios que perpassam nossa vida acadêmica como a produtividade, disciplinas, a escrita da dissertação, orientação e as relações acadêmicas em geral.

Ao avaliarmos na relação de orientação por meio do modo virtual podemos concluir que independente do formato que ela ocorra, o fator determinante para que os encontros sejam prazerosos e produtivos é o acolhimento e comprometimento. Pois, não importa a fase que estejamos na pós-graduação o interesse genuíno do outro em você e no seu projeto é um estímulo à criação intelectual. E nós, autoras, nos aproximamos, identificamos e produzimos de forma remota esse texto.

AGRADECIMENTOS

Agrademos à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelas bolsas concedidas ao longo do mestrado. Ao nosso orientador e colegas orientandas pelas trocas e acolhimento.

REFERÊNCIAS

DA MOTTA, P. M. R.; BARROS, N.F. de R. **Cadernos de Saúde Pública** [online] v. 31 (6), 1339-1340, 2015.

DINIZ, D. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. 2.ed. Brasília: Letras Livres, 2013.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 7 ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

HOLMAN-JONES, S. Autoethnography: making the personal political. In: Denzin N, Lincoln Y, organizadores. **The Sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage; p. 763-92, 2005.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In.: **Revista Brasileira da Educação**. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

MIRANDA, R. de C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol.40, n.1, pp.39-45, 2018.

REGINALDO, T.; DA SILVA PEREIRA, M.E. O existencialismo em Sartre: subjetividade e sociedade do conhecimento. **Filosofia e Educação**, v. 7, n. 1, p. 109-126, 2015.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VALENTE, S., & ALMEIDA, L.S. Educação emocional no Ensino Superior: Alguns elementos de reflexão sobre a sua pertinência na capacitação de futuros professores. **Revista E-Psi**, 9(1), 152-164, 2020.

VALENTIM, I. Cafetinagem Acadêmica: Alguém tem medo de pesquisar as relações acadêmicas? In.: **Polêm!ca**, 16, 3. Rio de Janeiro: 19-36, 2016.